

[compor]
revista

SUMÁRIO

5..... EXPEDIENTE

8..... EDITORIAL

12..... ENTREVISTA ZIGUE-ZAGUE

70..... DO C AO Z – LETRAS INCLASSIFICÁVEIS

90..... MINI BIO

EXPEDIENTE

A Revista é uma publicação do grupo de pesquisa [compor], vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Aceitam-se colaborações de pesquisadores das áreas de artes visuais e educação, tanto de graduandos quanto de pós-graduandos e outros interessados. Os textos podem ser em forma de ensaio e/ou artigo (visual e/ou textual) que tenham como objeto de reflexão as artes visuais e suas interlocuções com o campo da filosofia, da literatura e outros.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Reitor:

Prof. Dr. José Fernando Fragalli

CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA

Direção geral:

Prof. Dr. Lucas da Rosa

CHEFE DE DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Prof.^a Dr.^a Debora Pazetto Ferreira

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenadora:

Profa. Dra. Danielle Rocha Benício

EQUIPE EDITORIAL

EDITORA CHEFE:

Elaine Schmidlin

ORGANIZAÇÃO:

Aionara Preis Gabriel; Jonathan Taveira Braga e Pedro Miguel Aoki Sugeta

CORPO EDITORIAL:

Aionara Preis Gabriel; Carolina Ramos Nunes; Eriel Leite Lahn; Flávia Gabrielle Rossinski; Jonathan Taveira Braga; Marcello Ferreira Carpes; Pedro Miguel Aoki Sugeta; Taliane Graff Tomita

DIAGRAMAÇÃO:

Aionara Preis Gabriel; Pedro Miguel Aoki Sugeta

CAPA

Paola Zordan

CONTATO

E-MAIL:

compor.revista@gmail.com

INSTAGRAM:

[@coletivo.compor](https://www.instagram.com/coletivo.compor)

COORDENADORA DO COLETIVO:

Elaine Schmidlin

CONTATO GERAL:

Centro de Artes

Av. Madre Benvenuta, número: 1907

Bairro: Itacorubi

Cidade: Florianópolis – SC

Telefone:(48) 3321-8300

EDITORIAL

A publicação intitulada *Do C ao Z: letras inclassificáveis* foi um presente de Paola Zordan, professora no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), à Revista Compor. Em termos acadêmicos, a revista foi considerada nível C pela classificação de periódicos nacionais e pela Universidade em que estava hospedada, uma revista artística (contém ironia). Em conversa com Paola, que veio a convite do Grupo Compor (CNPq/UDESC) para o XV Ciclo de Investigações organizado pelos estudantes da Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2023, ficamos incomodadas com a métrica que regula programas e periódicos que precisam apresentar resultados dentro de uma área, independente dos embates discursivos que o sentido deste termo implique, em que o padrão acadêmico requer textos resultantes de estudos teóricos, práticas concretas e pesquisas empíricas em que o ineditismo é sempre uma prerrogativa obrigatória. Para se contrapor com elegância, Paola nos oferece este ensaio, quase uma poesia, em que literatura e arte se conectam, balançando estruturas rígidas para compor paisagens outras, pois como diz Leminski, citado por ela, “De normas, vocês sabem, o inferno está cheio”. Na superfície do texto aparecem os desenhos de Paola a transformar arte em ciência como um truque de inserção. Contra os adoecimentos acadêmicos, ela propõe outras composições, escrevendo com o Z do zigue-zague nômade. Junto ao ensaio, encontra-se uma composição editorial de uma entrevista dada por Paola Zordan, no mesmo período, junto a imagens e ao texto de duas de suas orientandas, Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

ENTREVISTA

Conversa realizada em 05 de outubro de 2023 em Florianópolis

Paola Zordan participou do XV Ciclo de Investigações do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC em outubro de 2023 com a palestra: “Varrida contracolonial: corpo gaia e astroblemas”. Além desta participação, Paola concedeu ao Grupo Compor, uma entrevista que foi transcrita e será apresentada na sequência junto com imagens do ensaio visual *Rastros do Silêncio*, “uma cartografia audiovisual, um curta-metragem acerca do silêncio e de suas poéticas, que possui como referência a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, os estudos de Tânia Mara Galli Fonseca e as paisagens institucionais da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro” (Reis; Rodrigues, 2023).

* Sobre grifos, encontram-se termos e nomes identificados numa lista de vocabulários ao final do texto.

ELAINE: Gostaria de agradecer a sua generosidade de estar aqui com a gente, nesse pequeno grupo, nessa acolhida. E dizer que, primeiro, eu leio você, e ontem com a sua fala, eu tentei organizar alguma coisa em relação aquilo que a gente ouviu. Então diante disso, eu queria dizer que eu vejo que você faz agenciamentos bem diversos... A questão mística... Enfim, você vai muito por essa linha. Por que? Essa é uma pergunta que eu queria fazer. Por exemplo, isso é bastante heterogêneo, as suas conexões são bastante heterogêneas, como você faz isso? Têm alguma convocação anterior ou têm alguma coisa que você pensa?

PAOLA: Eu sei que é muita coisa, nunca tinha pensado nisso... Muitos arquivos, né? E aí assim, vocês acham que é muita coisa! Cada orientando traz uma coisa, uns trazem outras referências, então mesmo que eu tente agora... Eu já fiz pesquisas em funções de orientandos, “Paixões da Diferença” foi uma pesquisa que não achei outro nome. Trabalhava com pathos para poder contemplar tudo numa época em que eu tinha 20 orientandos – entre TCCs, mestrado – abarcar todos os temas e projetos e questões. Mas essa heterogênese, que é um outro conceito do Guattari, eu me encontrei neles, porque o *Mil platôs* é isso... Então eu já era assim, é uma coisa intuitiva, não têm um propósito.

ELAINE: Eu acredito que sim, por isso que te fiz essa pergunta. Isso é muito de ti, você traz muito isso na sua fala.

PAOLA: Tanto que no Bacharelado, a minha formação original em Artes, foi assim. Eu entendo que o meu Ensino Médio, que na época nem chamava ensino médio, era segundo grau, talvez já seja uma formação que tenha um respaldo. Acho que a escola básica para todo mundo dá um respaldo para o que a gente é depois. Então ontem, até conversando com a **Angela Brandão**, sobre escolas... Ela estudou numa escola jesuíta e eu marista. Isso antes de ingressar nessa que considero uma formação já quase superior, que é o Ensino Médio profissionalizante, Magistério das Séries Iniciais, que era “currículo por atividades”: o nome do curso. Gente, era um curso com uma carga horária de dois turnos e sábado. O curso era todo o secundário, mais as disciplinas de Didática em todas as áreas do conhecimento depois da Didática Geral. Então, eu estudei Paulo Freire na adolescência, com 15 anos de idade. Colocaram, eu e uma colega (que é amiga até hoje, porque quem passou por esse curso, eram só mulheres – as “magistéricas”) numa periferia de Porto Alegre (hoje um dos lugares mais violentos, inclusive com prostituição infantil) dando aulas, encarando, eu e uma colega com 15 anos de idade, uma sala de aula de periferia, prática de ensino número 1.



Em meio a cidade, caminhos invisíveis permeiam os trajetos. Dentre as estridentes formas de existência e movimento, os rastros compõem pequenos fenômenos que extrapolam os sentidos e o som, deixando marcas e pequenas pistas na composição das paisagens. Vestígios que delimitam a condição fronteiriça entre o “algo” e o “nada”, e que com o decorrer do tempo, esboçam ritmo, contorno e cadência. (...)

Imagem 1: Rastros do silêncio: um ensaio visual – Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

ELAINE: Então de repente você já estava à margem o tempo todo...

PAOLA: Interessante que eu tinha percebido que eu já tinha uma linguagem muito difícil de ser compreendida nessas escolas. Meu estágio final do Magistério eu vivi isso, e aí eu tinha que reformular minha linguagem, falar uma outra língua. Quando eu achei isso no Deleuze, eu disse: nossa eu já vivi essa língua estranha! Esse gaguejar dentro da escola para ter que tirar termos incompreensíveis. Agora isso está acontecendo na universidade. Uma turma de calouros numa disciplina, ministrada agora por Aline Nunes – que é a Introdução ao Ensino das Artes Visuais – no momento que a gente seguiu a diretriz de 2015 do Conselho Nacional de Educação, que aumentou a carga horária das Licenciaturas, trouxe mais práticas de ensino e obrigou as questões de Educação para as Relações Etnico Raciais (ERER) como cumprimento das leis – então nessa disciplina, que aconteceu: os alunos entravam no curso de Artes Visuais já no novo currículo, que não era mais Artes Plásticas, antes era igual o Bacharelado e a Licenciatura, totalmente voltado para a formação do artista. Daí a gente criou essa disciplina como obrigatória para a primeira etapa da Licenciatura. Eu dando uma aula, entre vários tipos de aulas, aulas práticas, que avisei: “Vai ter uma aula magistral que eu vou fazer expositiva, que eu vou falar, e é uma síntese da História do Ensino da Arte” (uma disciplina dentre todas que me cabem).

Daí, o pessoal que não sabia dessa aula, não me deixou mais dar aula, interromperam. Outros disseram que “ela avisou que ia ser uma aula assim” (expositiva), mal sabiam que a metade do curso, depois, aulas teóricas serão nesse modelo. Numa turma de 60, em função de um problema da mudança de currículo, numa sala enorme, que nem era no Instituto de Artes (que não tem uma sala enorme), me interrompem, no meio disso, uns 20 alunos não sabiam o que era o iluminismo, eu falando no “século das luzes”. “Por exemplo, qual é a dificuldade?”, eu perguntei quando pediram para parar a aula. “É, professora! A senhora fala coisas que a gente não entende!” – “Então, me digam o que vocês não entendem, quais palavras?” Bom, tem um problema de códigos que a gente está lidando o tempo inteiro em sala de aula – aprendi isso. Ah, mas eu achava que era um problema de aquisição de códigos da educação básica, mas não. Hoje está no ensino superior. E agora na pós-graduação, porque a gente tem recebido alunos que têm dificuldade de leitura, para o mestrado.

ELAINE: Sim, têm muitas dificuldades sim. Mas uma coisa também que eu vejo é que você cria personagens conceituais. Você é quase uma personagem, se eu puder dizer isso. Eu vejo desse modo. Não sei se é intencional, creio que não, mas é algo que ocorre porque irrompe em você esse personagem conceitual também.

PAOLA: Legal tu perguntar isso, por que quando eu estava escrevendo a tese, veio o Dionísio que é um personagem conceitual. A gente entrou numa discussão, até que foi a troca de minha orientação para a **Sandra Corazza** que chegou nisso. Qual o limite entre a figura estética e o personagem conceitual? É um problema que agora a gente já está pensando que não têm. Porque não têm limites, não têm! É uma melange!

ELAINE: É quase uma bricolagem!

PAOLA: O Dionísio, ah é um personagem conceitual... Mas ele obviamente é uma figura estética, né?

ELAINE: Também. Sim!

PAOLA: E também eu tive um outro orientando historiador – que não é o Gabriel Torelly (presente na mesa de entrevista) porque o Gabriel é xamânico – fui banca dele no mestrado e o estilo de escrita do Gabriel... mesmo sintoma... Gabriel é heterogêneo, com todos esses problemas. Só que o Gabriel também toca, e ele defendeu a tese tocando tambor. Bom, se tu vai chegar no inaudito, o que tu vai dizer? Tu vai produzir outra coisa...

ELAINE: Como é difícil na academia essa questão para eles. Eu vejo isso muito claramente ali, pelo menos no PPGAV têm uma dificuldade muito grande em relação a isso. Eu não sei como é na UFRGS.

PAOLA: É que eu tive a influência do Tomaz Tadeu, que já é Deus (tá Deus) e a demonização abrindo ali um caminho para além das encruzilhadas. Ele e Sandra Corazza já tinham feito o serviço de romper com o modelo acadêmico. O Tomaz chegou a virar a cara para os estudos culturais de onde ele vinha. Mas vinha antes da matemática, eles vinham do marxismo na base, a formação deles. Aí eles rompem com aquilo. Começam com a ideia de estudos pós críticos e dão uma virada quando começam a estudar o Deleuze. Já tinham estudado Nietzsche e Foucault. E aí entram os estudos de Barthes que eu não acompanhei. Porque aí eu tinha feito o concurso para entrar na UFRGS e havia semestre que eu tinha 30 estagiários, outra professora entrou de licença e professora nova... E aí eu não estudei o Barthes. E eles começaram a desterritorializar propriamente a esquizoanálise, que já estava virando o método cartográfico, todas aquelas estratificações, tudo é rizoma, um pouco do que falei ontem. Só que daí houve um movimento, isso eu conto um pouco na entrevista que têm no dossiê Sandra Corazza, da Educação e Realidade, e num livro que a gente produziu, que a Sandra já tinha concordado, que é um

apanhado crítico de tudo que ela escreveu, livro sandramaracorazza: vida, obra, etc. Uma idealização do **Júlio Groppa**, que eu entrei na organização para estruturar junto com ele. Mas a obra mesmo, a concepção, é do Groppa. Aí eu queria escrever meu texto com o Filosofia do Inferno na educação, livro que trouxe uma diferença na própria escrita. Ele disse não! Você vai escrever o Composições e Linhas de Escrita, que são livros que marcaram a história da linha de pesquisa. E o Linhas de Escrita foi assim... eu defendi a tese e na outra semana Sandra disse, “tu vai entrar no próximo livro, tu vai entrar na pós graduação”. Não sabia! Foi um troço assim, puxada a fórceps... Eu não tinha noção, eu recém estava entrando na universidade. E daí fui puxada. Por exemplo: o que tu está perdendo tempo com esses Estágios? Vai escrever outras coisas. Porque eles estavam assim, não podia mais escrever um artigo, para o Tomaz... Se vocês pegarem no repositório teses e dissertações ali de 2008 a 2011, é só poesia. Só que aí aconteceu a “sucupiração”! A Sandra tinha bolsa de produtividade e começou a cobrar uma escrita mais acadêmica. O Tomaz estava traduzindo a Ética de Spinoza, tinha a Ética desde o século XVI, com edições raras, em latim, em todos os idiomas para poder fazer a tradução. Mas isso, o que é? Ele disse: é a minha pesquisa. “Mas o senhor não está com tudo no sistema, na plataforma, não sei o que” – aí ele caiu fora e continua produzindo, está praticamente traduzindo toda a obra da Virgínia Woolf.

Então, já havia um rompimento e ao mesmo tempo o Antônio Carlos Amorim, lá na UNICAMP, também estava desterritorializando. O Antônio chegou a ter uma tese amassada num saco! Em 2007, em Pelotas, a Raquel Ferreira, uma professora de Arte no IFRS, fez um livro labirinto de dissertação de Mestrado. Daí, o Jarbas na UFPEL, não segurou, ele disse “não, estava ficando muito louco”, acabei co-orientando. Ela recitava o Leonilson e o Nietzsche, ela botou o sangue no trabalho, pingou para recitar O perigoso do Leonilson. Então, assim, às vezes vem alguém muito de fora: “ah, mas isso aqui é muito inovador!” Ou eu sou convidada na Psico, sei lá, numa série de bancas “ Ah, isso está muito diferente do formato” (rs)... Esses dias eu fui para uma tese, tudo organizado, eu estranhei a organização. O modelo acadêmico funcionou em alguns aspectos para aquela discussão. Era na PUC, um professor que trabalhava com Alain Badiou, uma tese filosófica sobre a performance artística que produz corpos sem órgãos. Mas, então, voltando para heterogênesse, tu encontra... Posso fazer explicações simbólicas, posso fazer explicações numerológicas, explicações genealógicas, mas é o que é. É aquela margem na profusão. A Sandra já era uma pessoa que tinha um olhar mais para o currículo, porque daí tu tens uma filiação dentro de uma área. E o meu curso de Artes Plásticas, que embora nunca vou conseguir dizer que não fiz Artes Visuais/ Artes Plásticas e tal, ele era aquele modelo de currículo formalista como a gente aprende nos Universos da Arte da Fayga.

ELAINE: Exato, que vai até hoje. Você fez um comentário, a questão que você refuta algumas questões da Fayga.

PAOLA: Sim, da criação, da criatividade enquanto uma ideia platônica. Aliás, eu não entendo aquele conceito de criatividade. Se você pegar o *Universos da Arte* que é um livro operacional, ele é pé no chão, aquele modelo. *Universos da Arte*, para mim era a cartilha do que eu fiz na escola básica. Aquela alfabetização não é assim! Ah, já passou o formalismo, ela é maravilhosa, porque o formalismo ainda está aqui, ele nos constrói, mas entram outras questões. Como é que você traz o tema, o sentido para dentro do projeto? Como esse objeto vai criando essas relações que não são só elementos formais? Mas ela faz isso com o mundo do trabalho ali, só que ela não disserta. Então, assim, naquele momento esse formalismo operava no currículo, eu tinha professores como Carlos Pasquetti, que mudou. Ele não era deleuziano, nunca tinha lido Deleuze, mas ele simplesmente rachava. Ele era **Fluxus**, só que ele nunca falava do Fluxus. O que eles fizeram nos anos 70 era Fluxus. Agora que têm uma exposição sobre a eficácia do discurso na **Fundação Vera Chaves Barcellos**, com pesquisa do **Paulo Silveira** (meu colega que fez o programa de Artes Visuais virar 6, fez o relatório super guerreiro), a Vera abriu o que ela chamava de cofre, que era toda a arte postal dos anos sessenta/setenta.



(...)

*Na passagem destas
investigações, o silêncio
ocupa um lugar além do
nada. Ele ultrapassa as
condições do vazio,
escancara as linhas duras
que compõem o mundo e
revela os excessos que
escorrem e o fazem escapar,
gestando as maneiras com as
quais nos traduzimos.*

(...)

Imagem 2: Rastros do silêncio: um ensaio visual - Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant'Anna Rodrigues.

O mundo inteiro dentro! E eles tinham essa pegada de uma arte fora, e depois criam uma fundação e que tem um acervo. Bem esquizoanálise mesmo, né? Sai pra fora e entra pra dentro. **Paulo Bruscky**, que é um dos artistas, estava fora. O que é a arte, para que serve, daqui a pouco está na Bienal. Acho que na segunda-feira teve aquela palestra da **Roberta Tassinari**, que falou dos mercados, né? É aí que a questão do mercado está: ah, não têm mercado para todo mundo! Mas que mercado têm? Nesse movimento de sair e entrar, questionar, talvez não seja algo que vá para o mercado, para uma capitalização mesmo. Embora até o conceito de capital esteja tendo que entender que não é financeiro, que não é compra-e-venda... Que você capta algo e capitaliza, estou vendo pelos projetos das contas (mostrado na palestra). E daí como você capitaliza isso de uma forma não colonizadora? O problema não é o capital, é a colonização mesmo.

ELAINE: A gente olha para esta questão de forma colonial mesmo.

PAOLA: O que a gente faz com o rio, o que a gente está fazendo com as reservas naturais, com os biomas, com a própria casa? Por exemplo, a questão do lixo aqui (mostrando o hotel), estou levando o lixo, pois só tem uma lixeira no quarto. Para mim o lixo comum é o papel higiênico.

Como é que vou botar um plástico ali? Eu não boto. O básico... A produção do lixo é uma colonização e a pior de todas. Daí a arte produz lixo, né? E como trabalhar com o lixo? Eu trabalho com resíduo, com lixo. Fiz a faculdade com lixo, com dejetos. E o lixo mental, lixo emocional. Acho que o Antônio Bispo pega esta questão do lixo... Não se sinta um lixo, porque a gente faz o dever pano de chão.

AIONARA: Eu percebo que são muitas ferramentas que a gente tem que lidar. Nesse dia a dia das mídias, as redes sociais, acabam nos levando para estes lugares de colonizado.

ELAINE: Uma situação muito importante, também vejo assim.

PAOLA: A mídia é muito lixo. Mas aí tu têm que selecionar, tem que disciplinar. Eu estava ali com meu sobrinho que também fica colonizado com o videogame. Não tem! Tem que cortar, tem que parar... Se você não consegue ficar só uma hora, não tem que ficar. Porque ao mesmo tempo você tem ali um potencial. O Guattari, numa entrevista que ele dá no Confrontações, ele diz sobre o problema de usar a palavra potência, que Gilles tinha trazido em função do Nietzsche. Isso caiu também numa vala de um empoderamento, de uma falsa psicologia positiva.

E aí ele diz que prefere força. Por que também a força vai trazendo o problema do embate. Porque você vai ter que combater. Tem uma força, mas também tem um embate. Escape e captura. Como você vai lidando com isso o tempo inteiro? Quem está na escola, então, vive assim!

ELAINE: Outra questão que podemos conversar também é sobre as imagens. Você faz proliferar imagens. Acho que você faz muito isso. Como é que fica a questão do pensamento sem imagem?

PAOLA: O pensamento sem imagem está cheio de imagem, né? Vou pegar um clichê bem deleuziano, a página em branco está cheia de clichês, ele diz assim. É uma frase de aula (curso sobre pintura, em 1981). Exatamente! Tu não tem como pensar sem imagem. Pensar sem imagem é uma coisa que não é de leitura. Porque no momento que tu está lendo, tu está produzindo uma imagem mental. O conceito pode ter um personagem, uma figura. Um orientando meu (Marcio Tascheto, da História) trabalhou com os tipos psicossociais, que daí é do plano de referência científica. Tu está produzindo imagens para poder crivar o caos, está lá no **O que é a filosofia?** – mas não sou eu que prolifero imagens, elas se proliferam sozinhas, especialmente a partir do mundo moderno, do Renascimento.

Isso que a gente hoje tem como “inflação imagética”, como **Teixeira Coelho** diz... o **Gilbert Durand** vai falar de “iconoclasmo por excesso” na ciências do imaginário. Tudo isso já é dado, desde o Renascimento. É óbvio que a imagem digital é assim. A palavra potência, matematicamente, ela exponencia, porque daí não tem um limite da matéria, da técnica, da impressão, do Offset. A impressão offset também dá uma progressão geométrica nessa proliferação, no final do século XIX. Tanto é que na Escola de Frankfurt, toda discussão do imaginário vem no século XX, em função da primeira inflação imagética com o periodismo. Proliferação de materiais: didático, literatura, revistas, panfletos, cartazes e agora isso no digital. Só que tem uma coisa, o material impresso é mais imperativo que o digital porque o digital a gente só tira, as pessoas são capturadas. Um outdoor numa paisagem é muito mais interativo, você não consegue deixar de olhar. Um anúncio na internet você ignora. A gente tem que pensar imagem, a gente trabalha com imagem.

ELAINE: Acho que este é o problema.

PAOLA: Eu acho que tem que pensar na proliferação. Eu entendo os historiadores de arte que tem aquela formação de olhar uma obra...

O que a Ângela Brandão falou ontem da importância da obra, do material... Mas... Como pensar a imagem? O encontro com o Walburg é bem importante, porque aí você pensa a imagem na permanência. A imagem não em termos de uma obra e de uma materialidade, mas sim na recorrência dessa imagem de pensamento. E aí também o assignificante... Claro, é um viés nosso no pensamento da diferença. A gente já trocou o nome da Linha, tirou Filosofia da Diferença, porque a Sandra faleceu e não tem mais filósofo, como é que a gente vai se outorgar uma linha de “filosofia” se não tem... Pronto! Poderia ser “filosofia para não filósofos”. Mas está muito colonizado. Vocês vão achar aí cursinho de filosofia da diferença, essas escolas privadas, online, podcast...

ELAINE: Estou me sentindo colonizada (rs)...

PAOLA: Teve uma briga com alguns doutorandos porque a gente mudou o nome da linha. O que é que acontecia, tinha gente que procurava uma linha de Filosofia da Diferença achando ainda que era diferença cultural e identitária. Primeiro, a gente vai ter que em cada entrevista de mestrado, explicar que não é isso. Porque a gente vem recebendo candidatos que não vão saber quem tu é, nunca te leram, não procuram Lattes.



(...)
*Nada existe.
Ao adentrar o nada,
caminha-se com
calma, em compasso
com a inércia e com
o ínfimo movimento.
Nesse encontro entre
o que existe e o que
ainda não foi
inventado, os
pássaros cantam, o
vento balança sua
coreografia nas
folhas, os bolores
sobem as paredes e
deixam fragmentos
nas escrituras do
tempo.*
(...)

Imagem 3: Rastros do silêncio: um ensaio visual – Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

Aí, então, o que a gente está fazendo aqui? Até o mesmo professor da matemática, duríssimo, o Samuel Bello, topou... Então, a linha agora é Escrituras em função de toda produção em rede, de toda essa história de experimentação no texto que não seja texto dissertativo, filosófico, clássico... Artistagens, que é a palavra-criação da Sandra e que dá esse viés. Porque como eu sou a varrida, eu não sou convidada para a Arte. Porque teve uma reformulação lá no programa para pequenas linhas, para que todas as pequenas linhas compusessem grandes linhas, por uma questão de avaliação da Capes. E aí eu naturalmente ficaria na linha Arte, Linguagens e Contextos, mas não rolou. Porque eu sou doída varrida e ninguém aceitava a Sandra e eu vi que a Sandra era uma briguenta. Ela brigava na reunião, assim, uma demônia. Então, ninguém queria a Sandra.

GABRIEL: Também se não briga, nos tiram pra louco. Na pesquisa que eu fiz, performance era uma viagem na maionese... Então, assim... Eu começo a entender o porquê da briga.

PAOLA: A Sandra não podia viajar na maionese, então ela brigava. E ela era muito... O Máximo está assim... Então ela pega e destroi epistemicamente com altos argumentos e as pessoas ficavam assim...

AIONARA: Desconcertada...

PAOLA: Eu já não sou assim. Eu já procuro dialogar, sabe? Sou mais inclusiva. E a Sandra não, a Sandra não aceitava. E o Samuel, que também é uma pessoa totalmente dissidente, ele é Barbie, ele é halterofilista, então, pensa num professor halterofilista, peruano, numa faculdade de Educação. Bem homem, metro e briguento também, muito briguento. Então tinha dois briguentos, uma louca, aí não conseguiram compor. E a linha ficou, foi ficando, e a Sandra muito preocupada com o futuro da linha. O orientador do Gabriel, **Nilton Pereira**, entrou, mas também o Nilton que é um intelectual muito livre não suportou. Quantos anos o Nilton ficou, dois?

GABRIEL: Pouco. Ele orientou uns quatro mestrados: eu, o Diego, a Luciane e o Carlos Eduardo.

PAOLA: Ele disse: não, isso aqui é uma prisão! Daí, entra a questão dos aprisionamentos, dos aparelhos disciplinares, esse cerceamento que é da linguagem, que é da imagem, que a gente também tem que pensar nisso.. A imagem cerceadora. Meu mestrado com a **Rosa Fischer** foi muito isso, né? Aquele modelo daquela figura que você tem que se encaixar no cânone.

Toda uma problematização que já existe na arte, mas que na educação ainda era nova, agora já não é. Aí entra... Vai pensar a imagem sem imagem, procurando aquilo que ainda não foi criado enquanto imagem, mas ao mesmo tempo com Warburg que a gente vê que não têm... Nachleben é a permanência da imagem...

ELAINE: É quase a permanência do gesto que permanece.

PAOLA: E a gente vai pensando também, nosso problema... tem aquele plano e vem uma coisa de fora que muda tudo.

ELAINE: Isso é o astro-problema pra você?

PAOLA: Pra mim, é! Vem de fora, tu nem sabe de onde veio aquele... Pense num meteorito... está no livro, Mulher Tornada. E agora sabe o que eu descobri? Um dos maiores tráficos nesse momento são pedras que vem de meteoritos exumados. Têm um tráfico disso no mundo que é um tráfico científico, porque tem ainda meteorito com elementos. Tu quer decifrar aquilo com a tabela periódica. Então, estão exumando... Tem toda uma cartografia das quedas, dos achados, das composições químicas. Sabem que têm a formação basáltica, era do solo que fez assim, então... Aí tem a sedimentação.

Então, até pra gente pensar, têm que ter uma geologia para entender que veio de fora, mas produziu um território... Um outro...

A imagem vai variar... Diferença e repetição. Mas pensa assim: o basáltico está assim, mas o cerro tem 70 mil anos no mínimo, se acumulando e criando um relevo que não é o do bioma, da formação original. Isso acontece o tempo inteiro. Conteí da sua defesa tocando tambor para sair do discurso. Que também é um outro, mas é um outro discurso mais corpóreo.

JONATHAN: Eu fiquei pensando na sua fala de ontem, com essa ideia do atravessamento. Acho que você começou falando sobre as coisas que foram lhe atravessando, que havia montado uma apresentação prévia, mas que daí foi inserindo as coisas que aconteceram nesses dias que você estava aqui, numa tensão também com o hoje. Você traz um trabalho lá do Centro Cultural Veras que havia visto de manhã, e como isso vai compondo essa varredura. Achei muito curioso isso, essa coisa que está sempre se fazendo o tempo todo. Se você parar para pensar de novo para onde ela te levaria, que caminhos ela iria te conduzir de alguma maneira, como uma questão de vida mesmo. Uma questão vivida, um lugar... Não é um powerpoint, não é uma apresentação que está previamente construída, treinada, ensaiada...

PAOLA: Todas as palavras do resumo estavam lá.

JONATHAN: Tem uma coisa do improviso...

PAOLA: Não é improviso, é sincronicidade. Um conceito que não levei, junguiano. Porque antes de eu ler Deleuze e Nietzsche... Quando eu li Nietzsche, eu disse: por que eu estou lendo aos 30 anos de idade tudo aquilo que pensava? Como não li isso antes? Mas antes eu lia Jung e eu estudei. Quando eu comecei a me interessar pelo tarô, eu estudei muito Jung. Só que o Jung tinha problema de tradução e não foi aceito. A primeira banca de qualificação de mestrado me tiraram Jung. “Não, Jung não é acadêmico. Não, Jung não pode!” Depois, claro, eu reencontro Jung lá no Platô 2 e retomei. Aqui está cheio de Jung... Então, o que acontece? Sincronicidade é um conceito maravilhoso que o Jung criou numa sessão clínica. Ele conta isso num livro de memórias dele, Memórias, sonhos e reflexões. Ele estava atendendo uma paciente contando um sonho, e ela fala que tinha sonhado com um besouro dourado e ele estava encostado na janela e o besouro pousou na mão dele. Então, **Sérgio Adriano** também é um besouro dourado que aconteceu ontem. Sabe? Aí tu está ligada, aí tem uma coisa assim que talvez não seja mística. Talvez...

GABRIEL: É o intensivo, o treino com o intensivo.



(...)

*As paisagens em ruínas
passam a deformar e
transfigurar estruturas
anteriores. Pistas de
vida deixadas pelas mãos
leves, lamacentas e
fugidias do silêncio. A
vida pulsa em sua
multiplicidade e compõe
os metabolismos de um
ecossistema e de suas
cadências naturais.
Banalidade e dilatação.
Linguagem e ruptura.*

(...)

Imagem 4: Rastros do silêncio: um ensaio visual - Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant'Anna Rodrigues.

PAOLA: É uma receptividade a isso, mas é a recorrência da imagem também.

ELAINE: Essa intensificação das coisas, como isso te atravessa é de forma intensa.

PAOLA: Sim, porque o varrido começou a ser chamado sem querer no doida-vadia-professora que a gente ia trabalhar com a questão das mulheres, feminismo, só que o vadia virou varrida. Por que? Nessas mulheres todas tinham muito serviço doméstico. A Sol (Solange Gonçalves Luciano, artista que foi mostrada na apresentação) doméstica, agora outro orientando filho de doméstica, uma vida de doméstica, ninguém escapa. Não é um grupo que se prostituiu. Fico às vezes fantasiando, será que não seria mais feliz num bordel que numa universidade? Mas daí, não conheço... Conheço o serviço doméstico, muito! Então, entrou as varridas... Aconteceu na casa da Sol, todo dia ela me manda uma coisa. Ela me manda assim: será que tu vai conseguir passar um vídeo de uma verdadeira batalha sobre nossos corpos? Ela faz uma performance assim, filmando umas bonecas, tudo amarradas... Verdade, vou mostrar pra vocês...

ELAINE: Lindo... Sincronicidade...

PAOLA: Uma coisa que contei ontem foi uma sincronicidade. Eu disse assim: obrigada pela sua amizade e ela agradecendo a minha. Porque a gente se deu conta que ela foi amarrada numa camisa de força porque ela é negra, filha de doméstica e criada num ambiente evangélico. Porque a gente fazia as mesmas coisas. E eu, meu pai e minha mãe, ah, “vai ser artista! Tu não não vai dar para arquiteta. Para arquiteta você não vai dar, muito louca para arquiteta”. Eles se conheceram na faculdade de Arquitetura. Filha dos arquitetos tropicalistas. Tudo bem, não vai para a camisa de força! Embora, para uma empregada evangélica: “tu é louca, tu vai para o hospício, tu é louca de atar”. Eu ouvia isso em casa, longe de minha mãe. E a Sol foi... Então, tem aí uma questão social que também a gente não pode ignorar.

AIONARA: Onde cabe a loucura, né?

PAOLA: Exatamente... Quem pode ser louco? Como tu pode ser louco e o quanto essa loucura é uma loucura de espírito livre, pensando com Nietzsche. E o quanto ela pode ser também uma forma de realmente impor uma coisa egoica, porque tem também o louco do ego: “Eu sou Deus, tudo gira em torno de mim”.

E tem aí os diagnósticos. Enfim, uma área que não me cabe. E o tempo inteiro eu tenho que estar dizendo isso, porque agora estou, por falta de quórum, coordenadora de um Núcleo de Extensão de Arte e Loucura. E estão vindo candidatos, pessoas atrás de saúde mental, e eu digo: não é o meu assunto. Eu estou só cumprindo um papel institucional porque esse Núcleo não pode desaparecer. O Arte na Escola, momento em que não temos mais carga horária, não tem mais polo na UFRGS.

ELAINE: Nós também não temos mais.

PAOLA: Tudo bem, pois agora talvez nem tenha mais a função que teve. Mas foi um programa de iniciativa privada muito interessante em termos de distribuição de recursos para as redes de ensino e articulação das redes com as universidades.

ELAINE: Mas não foi bem assim... As universidades, eles sempre tinham uma crítica em relação ao Arte na Escola. No sentido de como se estivesse se aproveitando das universidades e toda essa conversa que não vou entrar aqui. Acho que não nos interessa, mas concordo com você que o Arte na Escola foi fundamental.

PAOLA: E por que não permaneceu hoje? É claro, é obsoleto pensar em videoteca. Mas antes da internet...

ELAINE: Tem a DVDteca...

PAOLA: E tem, o que tinha em vídeo e em DVD, vídeos e produções que hoje tu não tem acesso na internet.

AIONARA: Nem na internet, andei procurando e muita coisa não tem mais.

PAOLA: Eu fiz projetos maravilhosos com o vídeo do Guto Lacaz.

ELAINE: Eu trabalhei com a DVDteca com a Miriam, fiz muito daquele material educativo.

PAOLA: Tinham alguns que funcionam mais, outros menos. Mas até tu selecionar, o professor também estudava, ampliava repertórios. Mas aquilo é muita demanda para poucas pessoas envolvidas. Agora não posso mais e aquilo acaba. E a gente agora com o DIF, Filosofias da Diferença: ah vai acabar, a Sandra faleceu, o Tomaz não está mais lá... Mas é exatamente esse grupo de pesquisa que hoje é histórico, ele só tem ex-orientados. Porque o meu grupo agora estava aqui pensando em fechar, porque o pessoal já saiu... E não está trabalhando com o corpo.

Foi terminando, eu não vou abrindo vaga. Tive muito burnout, muita coisa.. E outros projetos mais colaborativos, eu estou achando a extensão mais interessante, no sentido..

ELAINE: Principalmente agora que ela está curricularizando, a extensão dentro do currículo.

PAOLA: E ela é muito mais contracolonial que a pós-graduação. Tem uma colonização na pós-graduação, aí nessa métrica toda, que é muito triste.

ELAINE: E a antropofagia?

PAOLA: É tudo, né? Nos une. Nos une. Não consigo pensar sem canabalizações, ninguém pensa sem absorções.

JONATHAN: É um conceito que estou mapeamento também e trazendo de alguma forma. Atravessando, tentando cavar coisas novas, tentando inventar alguma coisa. Fico também com esse pensamento canibal que você cita...



Imagem 5: Rastros do silêncio: um ensaio visual - Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant'Anna Rodrigues.

(...)

Em nosso exercício de transitar e investigar estas fronteiras, surge uma cartografia audiovisual, um curta-metragem acerca do silêncio e de suas poéticas, que possui como referência a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, os estudos de Tânia Mara Galli Fonseca e as paisagens institucionais da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

(...)

PAOLA: Aqui (mostrando o livro Mulher Tornada) o devir-saurofídico veio da tese. Eu nunca tinha conseguido publicar porque é um ensaio com uma lenda, mas ele é muito antropofágico. E ele pensa a questão da devoração também animal. Porque quem come quem, essa ideia do rei dos animais, aquele que é o predador-mor, também é colonizador. Não existe essa cadeia hierárquica na natureza. A antropofagia é ouroborosa, é cíclica, porque o menor também come o maior. Pensar no devir-animal, essa devoração, podemos pensar na compostagem, devoração no mineral, em relação do vegetal com o mineral, vegetal-animal. Óbvio que existem composições, porque a vaca compõe com o trevo, com a grama, mas ela não vai compor com a carniça. O que se compõe, se devora. Caça-se, devora. Isso no sonho... Até o José Lutzenberger tinha uma questão com a cremação.

AIONARA: Eu gosto bastante dele.

PAOLA: Vocês sabem que ele conseguiu ser enterrado na terra, sem caixão para ser absolvido pela terra lá no Rincão Gaia, que é um sítio dele? Hoje o Rincão Gaia é uma parte da Fundação Gaia, e é da Lara, da outra filha, que é menos ativista ambiental. Ele recebe escolas, porque é uma área devastada. Ele adquire essa área que era uma pedreira.

Toda área devastada se recupera num período muito rápido. Eu tenho uma frase, acho que não é só uma frase, acho que é a única convicção que eu tenho: a natureza vence. Nós vamos acabar, é bem nietzschiano... E tudo vai... tudo à terra volta. O que o homem está fazendo é destruir ele mesmo. É claro, meu lado nietzschiano pensa “bem feito”. E todos que não coadunam com esse progresso colonizador, retificador, o problema é essa retificação, essa dilapidação mineral. Onde foi dilapidado virou um lago natural que a chuva preencheu, os peixes vieram pelas patas dos pássaros. Eles tiveram um trabalho de assoreamento sem nenhum radicalismo, porque eucaliptos, que são espécies exóticas, servem para cortar o vento. Dentro do pensamento permacultural você tem o exótico e já canibalizou, não tem como sonhar com o puro, não existe mais terra pura, bioma puro.

ELAINE: Ou retorno a algo original, uma essência, não existe.

AIONARA: Eu estava fazendo um curso com a Ana Godoy em que ela fala sobre a inserção do Pinus de uma forma tão violenta que hoje já é natural, o Pinus já é daqui. Aí se desmata justamente para plantar Pinus e o quanto isso já naturalizou, o Pinus já é uma espécie daqui, assim como a banana também.

PAOLA: Eu aprendi agora mês passado (eu estou sempre aprendendo, a gente quanto mais aprende mais sabe que não sabe nada): a jaca, que eu jurava que era da Mata Atlântica, veio da Ásia também.

ELAINE: Você viu o pé de jaca lá na universidade? Na entrada do DAV tem um pé de jaca.

PAOLA: Mas não estava com jaca, né?

ELAINE: Tem uma, mas teve várias enormes.

PAOLA: Cipreste do deserto, cipreste da Alemanha... Não, cipreste não é da Europa, é da Líbia, sei lá... Se começamos a olhar, quantos continentes, né?

ELAINE: A gente está avançando em muitas questões e eu queria retomar um pouquinho... Como você vê a escola? Como você vê uma aula?

PAOLA: A aula não precisa estar na escola, a aula é encontro. A aula, a palavra aula sei que é muito medieval, mas eu gosto da palavra aula. No Abecedário da Educação da Diferença, minha palavra era “aula”, não, era “sala de aula”. E o Júlio Groppa pediu para eu ficar com o “ensino”, e eu adorei ficar com o verbete ensino. Porque o ensino é muito maior que a aula. Mas a aula é o encontro! Aí eu tive também que aprender a aula por um buraco negro... É uma aprendizagem. É interessante também porque você tem um registro, é um arquivo. Gravar aula assíncrona no modelo da pandemia era horrível porque não têm encontro, não tem comunicação. É um discurso, é um podcast com figurinha. E a escola... Eu penso que a gente tem que olhar muito a história para entender a escola e entender a academia. A diferença entre a academia e a escola, que se misturaram na Idade Média, o modelo acadêmico com o modelo escolar, essa história da escola básica que está ali dentro de um projeto de Nações Estados republicanas, industrializadas com todo um fundo positivista... O professor de história que o diga. Então, essa escola, para esse mundo eletrônico, para esse tipo de infância confinada, é extremamente um lugar de embates. Mas eu penso, citando o Julio Groppa (que é o nosso bruxo, uma figura bem importante também, um grande interlocutor da Sandra), o Julio vai dizer assim: “olha, se nós vamos para a periferia e talvez nessas comunidades seja o meio, a escola é onde se constrói a subjetividade,



Imagem 6: Rastros do silêncio: um ensaio visual – Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

(...)

Dessa forma, este ensaio visual compõe fragmentos de um curta-metragem realizado em um dos procedimentos pertencentes ao projeto de extensão Arte a Disposição, braço do Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura – Tania Mara Galli Fonseca (NuTAL) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenado pela professora Paola Basso Zordan.

(...)

Professor de Arte e tem mais uma aí, Geografia, se eu não me engano. Aí eu comecei a fazer essa outra disciplina numa escola que era fundação, tinha sido de freiras e tinha sido comprada por uma associação de pais. Uma escola de bairro, pais de esquerda. E aí comecei a fazer meditação. Jovem, bem aos 20 poucos anos, achando que ia resolver os problemas da escola. Eu fui chamada pelo diretor, “eu sei o que tu está propondo” Como assim? Nem todo mundo queria fazer em aula e eu ficava depois da aula. Claro, não tinha filha ainda! Era assim... Super disposta a estar na escola além da minha carga horária. Aí, fazendo a meditação, veio uma mãe dizendo que eu estava distorcendo, pois a guria estava fazendo crisma e eu estava pervertendo. Nada religioso: respiração, jogos de concentração corporal, silenciamento, sentar em lotus... Ah, coisa de índio... Então tem todo esse embate aí de poderes e micropoderes. Agora estou num ponto que não posso publicar nada que marque o hospital psiquiátrico no meu perfil pessoal. Fui proibida. Porque eu ia lá via uma coisa interessante e mostrava. Mas aí, claro, a minha amiga, a louca que foi atada, ela faz o quer. Eu não, porque é o nome da UFRGS que se perverte. Porque eu sou a representante da universidade.

ELAINE: Como é difícil lidar com essas coisas.

PAOLA: E tinha muito alcance ali, acho que tinha, sei lá... Ah, não pode! E eu achava político mostrar. Eu tenho um perfil do Núcleo que agora também não está podendo sem autorização. Agora a gente está lançando um filme. Mas eu não sou do cinema, as pessoas inventam de fazer filmes, inventam coisas. No arco íris de Oxumarê, vai para o azul, vai para o verde, todas as cores. Se tu me perguntar qual mais gosto, eu não consigo dizer. Então vamos lá, vamos abarcar esse filme que chama Rastros do Silêncio. Uma menina da publicidade, tinha uns da medicina que caíram fora quando começou a ficar muito lento... E está saindo o filme. Teve problema agora com a música, eu fiz a música. Aí também faço um improviso lá, porque no youtube tranca. Ou se não tu põe uma música clichê que é padrão youtube ou tu inventa. Só não consegui o menino que ia fazer um arranjo, melhorar a captação do som etc. Porque é tudo muito podreira, muito caseiro. E as meninas... Esse filme levou um ano. Elas começaram a filmar para ser autorizado, 5 minutos mostrando o hospital psiquiátrico a partir do conceito de silêncio. Agora vamos botar no youtube do Núcleo para lançar, porque também não conseguiram um espaço na UFRGS para passar. É também problema dos espaços, pois quanto mais transdisciplinar, menos espaço tu tem. Porque não está em lugar nenhum, o heterotópico.

AIONARA: Não tem um lugar que seja somente seu, para chamar de meu lugar.

PAOLA: Aí a dificuldade para ter bolsa de produtividade também. A Sandra, tudo que ela estava fazendo ela tinha que colocar como currículo, porque a bolsa era na área de currículo. O que também era uma chatice, mas ela gostava. Porque o currículo é interessantíssimo de pensar.

ELAINE: O que atravessa...

PAOLA: Atravessa tudo. Mas ao mesmo tempo eu tinha as questões políticas e o espaço e o tempo são políticos, né?

AIONARA: Eu fiquei pensando quando você fala desse lugar da loucura dentro da escola. E como a professora, a figura da professora/ professor de Arte é visto como esse lugar. É principalmente quando você vai disposta para não fazer essa aula pronta, e aí como você é incompreendida. Também acho que isso é uma coisa boa, a de não ser compreendida, porque se não como eu falei para vocês do nosso último encontro, quando você é compreendida alguém te captura. Então é bom também não ser compreendida, mas é sempre esse lugar de dificuldade de comunicação com os jovens, porque eles estão muito alienados à tecnologia, à rede social, mesmo no interior. Esse lugar que você coloca que os jovens estão confinados, eles continuam

independente, se é cidade grande ou interior. Aí você quer levar, vai uma aula, um encontro de criação não dá, é muito difícil, não se consegue sair do lugar. Eu tive a experiência este semestre até de lecionar Língua Portuguesa, porque o novo ensino médio permite dentro das áreas das Linguagens, por falta de professor... Isso que tinha outra disciplina que era projeto de vida que queriam me empurrar. Eu não peguei por conta de horário, mas eu pegaria porque é interessante. Mas o material que vem é terrível, o material que disponibilizam para o professor trabalhar em sala de aula é bem ruim.

PAOLA: E não dá para rasgar? (rs)

AIONARA: Dá, mas assim... Quem acaba pegando nessas disciplinas é quem é da igreja... São essas pessoas que estão ocupando esses lugares. No final do semestre apresentamos os trabalhos, o meu era o mais diferente... A gente fez o caderno de processos pendurando nas árvores, estava todo mundo mostrando seus trabalhos, seus resultados... Então como é difícil esse lugar da loucura dentro da sala de aula.

PAOLA: É, mas aí também tem a escuta desse outro que você tem que procurar entender, as razões bíblicas, as razões do Alcorão, as razões do Bhagavad Gita, porque tem radicalidade em tudo.. Até na Umbanda. A Ângela. “Ah, pode tocar?”, claro que pode. A minha banda é do Osho, e até o Osho tinha algumas radicalidades, tudo pode ser radical. Então é a escuta, o diálogo, porque tu pode ser louco, mas tu pode escutar, dialogar e aceitar, adaptar. Vai ter que dialogar para poder fazer. Escutar, eu paro a aula para escutar. Não está funcionando? Vamos parar. Mas também não conseguem falar. Não conseguem falar? Vamos desenhar. Você vai ter que encontrar estratégia ali, sabe? Eu já tive situações para dizer: bom ninguém quer aula? Eu estou ali fora, quando quiserem me chamem... Aula de Artes, Ensino Médio.

AIONARA: Eu vejo muito desinteresse também...

PAOLA: Porque eles não estão na escola para ter aula, entende? Aula é uma coisa e a escola é este lugar social. Aí está uma questão que a gente tem que entender. Quem quer estudar às vezes não está na escola. Hoje, para que eu vou para escola se eu estudo em casa, se eu aprendo mais com um livro, com um podcast? E a escola não é um lugar, é um lugar da socialização. Eles querem estar em relação.



Imagem 7: Rastros do silêncio: um ensaio visual –
Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

(...)
Dirigido e roteirizado por estudantes universitárias, a obra busca cartografar esses fenômenos. Os transeuntes alheios aos vestígios, as microcosmologias da natureza e os encontros feitos de barro, que fazem e se desfazem em eternos processos de destruição e (re)constituição.
(...)

Sempre tem um gancho... A Ariadne, o fio... Mas tem turmas que têm embates das tribos, das diferenças, e tu vai ter que trabalhar aquelas diferenças. Os que estão lá na semente, porque são filhos de agricultores, nem chegaram ao ícone de consumo. Hoje acho difícil não terem referências em comum, mas também tem situações em que se via isso, né? É um trabalho, é o serviço. Em relação àquele slide, eu fui... Ah, vou botar que é área de serviço... Não vou ficar falando de serviço sem dar uma cara para esse serviço. Coloquei a enxada, porque tinha trabalhado aquela semana, tinha feito um valão lá para não inundar. Chegando a água já... E a minha horta... A gente fez um valão e a água escoou... Quando eu botei o serviço, o viço apareceu. Aí ficou ser-viço. Aí eu separei... Eu disse, nossa, isso é a sincronicidade!

AIONARA: É um estado de atenção também, né?

PAOLA: E de meditação... Tem essa coisa assim, de tu estar inteiro ali. Eu me lembro de uma vez, uma turma, eu disse assim: ah, por que vocês estão aqui então, não querem ter aula? Ah, porque tem que terminar, tem que passar de ano... Tá, mas passar de ano? E aí o que você aprendeu, o que fez? Ai, Sora, a gente tem que terminar o colégio. Daí eu disse: colégio, para quê?

Ai, para ter um trabalho. Para quê? Para pagar as contas. Para quê? Porque é a vida. Tá, se tu vai morrer, pra quê? Ai, Sora! Então vamos aproveitar esse momento, porque tu está vivo! Ai, Sora! Digo: Tá, mas e aí? O que tu vai fazer? O que está aprendendo? Qual a graça de estar aqui? Ah, aqui não tem graça... Ah, então vamos fazer ter graça, ficar bom?

JONATHAN: Veio de encontro uma fala de um aluno que eu tive alguns atrás que era a aula-várzea... E estava pensando nessa várzea como um lugar habitável também, como a gente constroi, o que a gente inventa ali para poder afirmar esse lugar do professor-louco, da aula-louca, da aula-várzea, do momento-várzea, sabe assim? Tentar tirar disso um proveito talvez...

GABRIEL: Como a antropofagia, né? Você pega um elemento que inicialmente poderia ser considerado como uma coisa menor e usa aquilo para vitalizar o que está acontecendo.

PAOLA: O Goy, que era um professor do IF de Pelotas, do IF Sul-riograndense... Ele escondia dentro do armário e os alunos chegavam e daí a pouco ele bahhh: querem aula? Não sei como era esse armário que ele cabia dentro porque ele era enorme... Ele contava as histórias de tudo que ele fazia para acontecer...

ELAINE: Para a aula ser um acontecimento...

PAOLA: Acontecimento, infinitivo... Um aprender, um trocar...

ELAINE: Que é o que deveria ser...

GABRIEL: Tem o drama, né?

ELAINE: É preciso muitas vezes do drama.

PAOLA: E fala de uma coisa assim, de monstros... Ontem, teve aquela palestra maravilhosa sobre o terremoto de Lisboa, fala com cataclisma. Eu comecei a me dar conta que falar de monstro, todo mundo atenta, mesmo os que não queriam nada com nada, monstruosidade, uma tragédia, sangue...

ELAINE: Você pode verificar isso com qualquer acidente que acontece, as pessoas querem olhar o sangue, as coisas ruins das situações, o drama...

PAOLA: Tem um artigo que é As Aparições de Dionísio na Idade da Mídia... Não lembro o nome do autor que usei lá no tempo da tese. Ele diz isso: que é o dionisiaco, tu quer ver o sparagmos, que é o estraçalhamento do boi que as Mênades faziam ritualisticamente, que é espetacular. Mas é um instinto dionisiaco. Encarar o desconhecido, a morte...

GABRIEL: Mandem avisar que o Pã está morto! Tem uma história de Plutarco que eu estava lendo ontem no início de uma aula que ele começa falando sobre isso. Um encontro que o Plutarco trazia dizendo assim de um navegador que era bravejado pelos deuses, e se ele tivesse a navegação favorável ele tinha que, onde parasse, gritar para todos os ventos que o grande Pã morreu. E aí, será que o grande Pã morreu? Tem uma tentativa de fazer com que o grande Pã morra.

PAOLA: Demonizaram Pã, né? Já que ele não morre, ele tem que ser o bode expiatório. De Plutarco?

GABRIEL: Sim, ele usa como uma metáfora para entrar numa história.



Imagem 8: Rastros do silêncio: um ensaio visual – Amanda Dal Ponte Reis e Rafaela Sant’Anna Rodrigues.

(...)
Com isso, também ressalta o papel do silêncio e da linguagem como personagens intensos nos processos de subjetivação. Afinal, o silêncio não é algo definido, é o que está entre as coisas, uma atmosfera, uma sensação, é algo em devir. Tais acontecimentos, miúdos, fugidios, invisíveis, nos deixam pistas e delineiam narrativas suspensas para aqueles que possuem um olhar mais atento.

GLOSSÁRIO

Abraham Moritz Warburg – Mais conhecido como Aby , foi um historiador de arte alemão, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano.

Alain Badiou – Filósofo, dramaturgo e romancista francês nascido em Marrocos. É conhecido por sua militância maoísta, por sua defesa do comunismo e dos trabalhadores estrangeiros em situação irregular na França.

Aline Nunes – Professora vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Ana Godoy – Pesquisadora com doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP, vem se dedicando à pesquisa dos processos de escrita no meio acadêmico, a partir de acompanhamentos realizados com mestrandos e doutorandos e da realização de workshops. O conjunto de suas publicações até o presente versa sobre as conexões entre ecologia, meio ambiente, subjetividade, arte, política e escrita.

Ângela Brandão – Professora e pesquisadora sobre teorias da história da arte vinculada à Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, que também participou do mesmo evento, XVº Ciclo de investigações: Territórios, com a palestra “Territórios devastados: arte e desastre ambiental”.

Antônio Bispo – Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, foi um filósofo, escritor, poeta, professor, líder quilombola brasileiro, falecido em 2023 com uma obra centrada na "contracolonização", nos saberes ancestrais e nas relações entre ecologia, trabalho e cultura.

Antônio Carlos Amorim – Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As aparições do deus Dionísio na idade da mídia: Telenovela e ficção seriada no Brasil do século XX. – Texto de Cláudio Cardoso de Paiva. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em:
<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/cardoso-claudio-dionisio-idade-midia.pdf>

DAV – Departamento de Artes Visuais UDESC.

Félix Guattari – Filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

Friedrich Nietzsche – Filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, a filosofia e a ciência, exibindo certa predileção por metáfora, ironia e aforismo.

Fluxus – O Grupo Fluxus foi um movimento artístico de vanguarda internacional, fundado na década de 1960 por artistas como George Maciunas. Ele se caracterizava por desafiar a arte tradicional e a comercialização, unindo artistas com ideias semelhantes em uma abordagem que valorizava a experimentação, o happening, a performance e a arte conceitual.

Fundação Vera Chaves Barcellos – FVCB – É uma instituição cultural privada e sem fins lucrativos, com atuação em Viamão e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Gilbert Durand – Foi um antropólogo, filósofo, pesquisador e professor universitário francês conhecido por seus trabalhos sobre imaginário e mitologia.

Goy – Donald Hugh de Barros Kerr Junior – Professor aposentado do IFSulriograndense, em Pelotas

Guto Lacaz – Carlos Augusto Martins Lacaz, conhecido como Guto Lacaz, é arquiteto e artista plástico brasileiro.

Jarbas Santos Vieira – Professor Titular da Universidade Federal de Pelotas. Experiência na área de Educação, com ênfase em Teoria Curricular e Trabalho Docente.

José Lutzenberger – Agrônomo, escritor, filósofo, paisagista e ambientalista brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental.

Julio Groppa Aquino – É professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Junguiano – Carl Gustav Jung 1875–1961, psicólogo e psiquiatra suíço, fundador da escola de psicologia analítica (diz-se de estudo, tratamento e/ou diagnóstico).

Leonilson – José Leonilson Bezerra Dias foi um pintor, desenhista e escultor brasileiro.

Michel Foucault – Paul-Michel Foucault; foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984.

Mil Platôs – Coleção composta por 5 livros escritos por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Miriam Celeste Ferreira Dias Martins – Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na modalidade presencial da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia e Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas. Professora aposentada do Instituto de Artes/UNESP.

Nachleben – Termo alemão que significa "vida póstuma" ou "sobrevivência" e foi popularizado pelo historiador da arte Aby Warburg. Refere-se à maneira como o passado, especialmente formas de expressão antigas, não desaparece completamente, mas reaparece de forma transformada em diferentes épocas, influenciando o presente de maneira complexa. O termo implica uma continuidade, uma reemergência de elementos antigos, que pode ser tanto uma repetição como uma releitura do passado.

Nilton Mullet Pereira – Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da área de Ensino de História.

O que é a filosofia? – Livro de 1991 do filósofo Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari.

Paulo Bruscky – Paulo Roberto Barbosa Bruscky é um artista multimídia e poeta brasileiro conhecido por sua ampla participação no movimento da arte conceitual brasileira.

Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira – Professor no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, IA/UFRGS.

Roberta Tassinari – Artista contemporânea brasileira, que em sua prática artística e ação empreendedora, reflete a busca por uma arte que ultrapassa fronteiras tradicionais, valorizando o artista como pesquisador e a arte como um meio de conexão profunda com as pessoas, não apenas como decoração.

Roland Barthes – Escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Formado em Letras Clássicas em 1939 e Gramática e Filosofia em 1943 na Universidade de Paris, fez parte da escola estruturalista, influenciado pelo linguista Ferdinand de Saussure.

Rosa Ficher – Rosa Maria Bueno Ficher, professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Sandra Corazza – Foi professora vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Sérgio Adriano – Sérgio Adriano H, artista visual, performer e pesquisador, vive e tem sua produção entre Joinville e São Paulo. Com objetos, fotografias e vídeos, a prática do artista propõe reflexões sobre temas existenciais pensados dentro do sistema simbólico conhecido como “verdade”. Essas discussões abrangem questões sobre a morte, a identidade racial, a violência e o apagamento social.

Sparagmos – Termo grego que significa rasgar, dilacerar ou despedaçar, geralmente associado a rituais dionisíacos na mitologia grega.

Sucupiração – Relativo a Sucupira – sistema de classificação de periódicos científicos usado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para avaliar a qualidade da produção científica dos programas de pós-graduação no Brasil.

Teixeira Coelho – José Teixeira Coelho Netto foi professor universitário, crítico de arte, curador, pesquisador e escritor. Teve uma longa trajetória acadêmica, especializando-se em políticas culturais, área na qual desenvolveu pesquisa em perspectiva comparada.

Tomaz Tadeu – Pesquisador, escritor e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Virginia Woolf – Adeline Virginia Woolf, nascida Adeline Virginia Stephen, foi uma escritora, ensaísta e editora britânica. É considerada uma das principais escritoras do século XX, consagrada por seus romances feministas e pelo uso do fluxo de consciência.

[compor]
.....
revista



DoC ao ZZZZZZ

letras inclassificáveis

Paola Zordan

especialmente para COMPOR

Escrevo com o Z
do zigue-zague
nômade,
o Z
do abecedário de
Deleuze,
Z derradeiro
de um ABC
que se perde
num alfabeto
transliterado
em traços
nem sempre
traduzíveis,
como no final
dos *Ritornelos* de
GuaHari (2019).



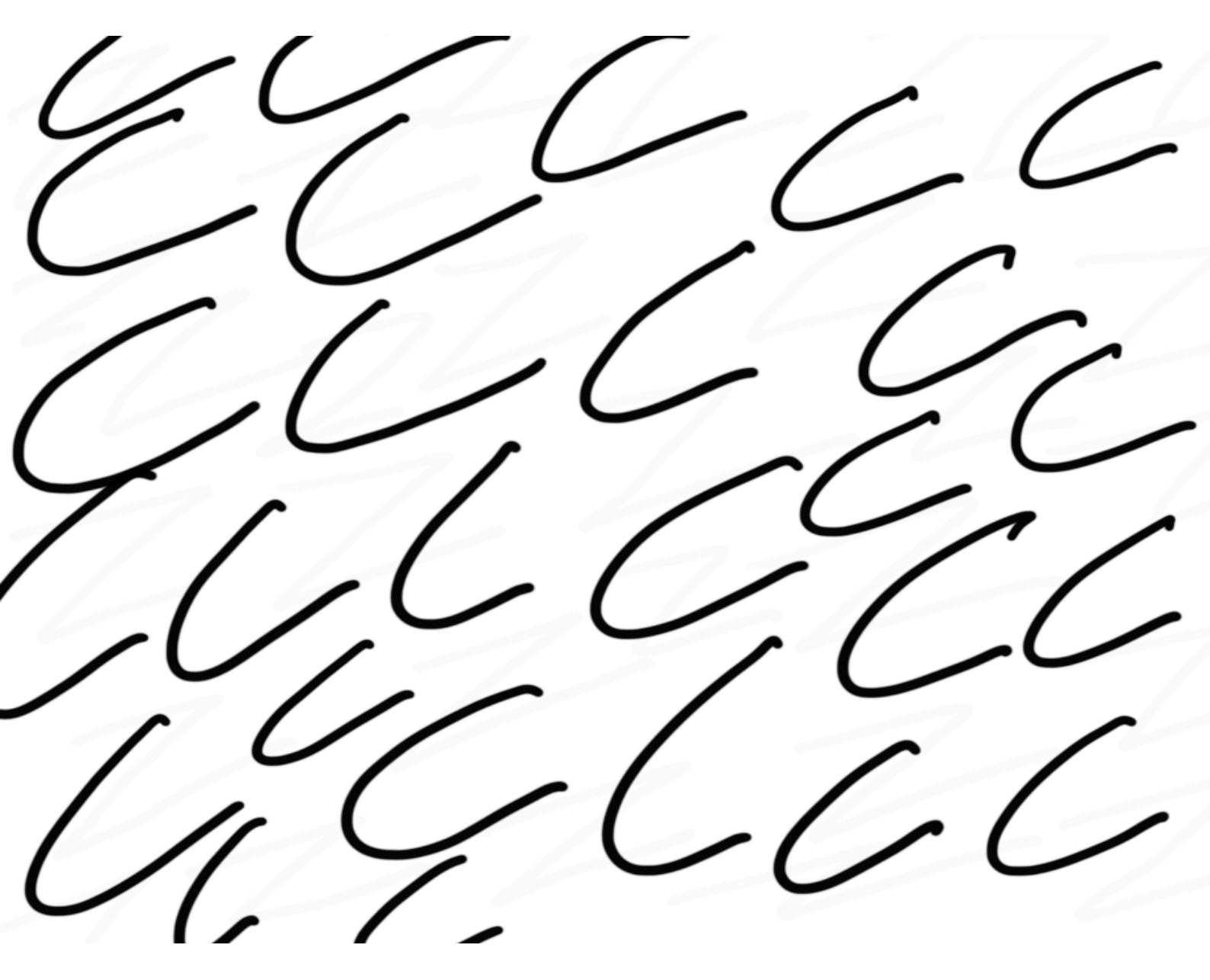


Desestruturada,
desconstruída, em pleno
fluxo, nossa escrita em Z
erra.

ErráRca, não se avalia,
porque, dentro de
parâmetros que
estabelecem
“como deve ser”,
perde seu valor e,
quando muito, no
“experimental”,
se torna um C, aquele Z
que aparou arestas em S
e
sibila para não deixar de
valer alguma coisa na
contagem das horas, das
produções e da
capitalização do
pensamento.

O que valem, nas artes, na educação que não se domestica, nas ciências que os planos referenciais exigem?

CSO

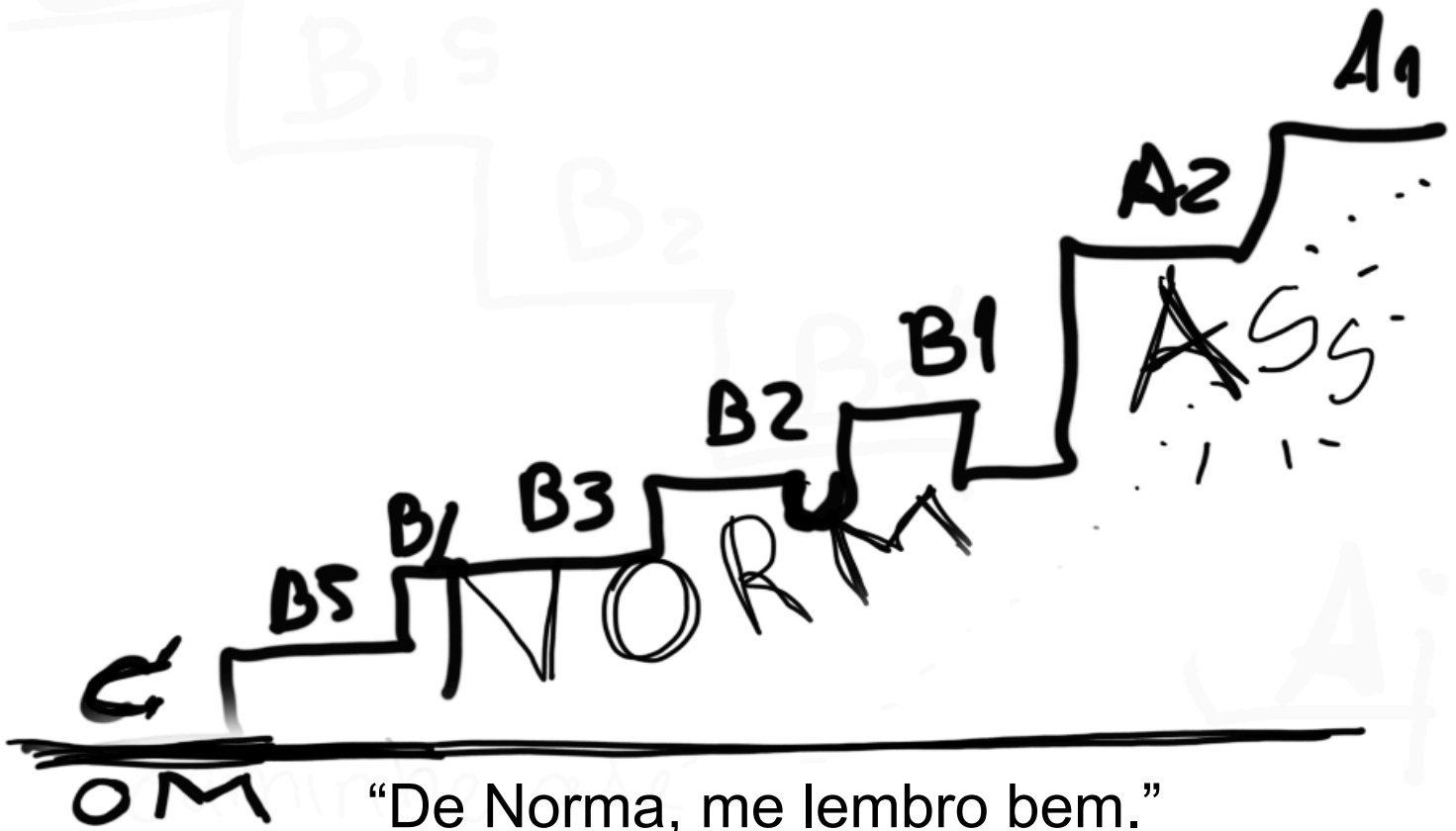


Circula, num Programa de Pós-graduação que se quer no mínimo nota 6 e sonha em ser 7, um manual que orienta docentes e discentes a escreverem artigos acadêmicos como “tem que ser” para serem submeRdos e bem avaliados. Entre o almejado A1 e o C, colocado num degrau inferior numa escala crescente entre vários B e o “superior” A, um desenho que se expressa em degraus. Havia, nessas classificações, variações entre áreas. Hoje, o A será sempre superior em todas as áreas. A, admirável, adorado, no entanto, in-Acessível. A escrita, explica o “manual”, requer um processo arguiRvo dentro do escopo dos periódicos, centrando sua discussão num tema específico dentro de um campo abrangido dentro de uma “área”. Os textos precisam apresentar RESULTADOS, independentes das disputas de verdade e embates discursivos que o senRdo deste termo implique.

O que se espera, no padrão acadêmico, são textos resultantes de estudos teóricos, análise de práRcas concretas e pesquisas empíricas, debates atualizados. O inediRsmo é sempre uma prerrogaRva, ainda que seja mister haver diálogo com a produção da área sobre a temáRca escolhida, seja focando os trabalhos mais recentes já publicados como as referencias clássicas obrigatórias ao assunto. Todo aprofundamento é rodapé. Sem estruturação, a escrita não será considerada. Correção gramARcal e observação à norma culta são exigidos. Teoria jamais comporta a pura poesia, pois, dentro destas regulações, ciência e literatura-arte, não poderiam se misturam. *“A escrita acadêmica deixa de ser acadêmica se for descolada dos regimes de verdade que a sustentam.”* (PEREIRA, 2013).

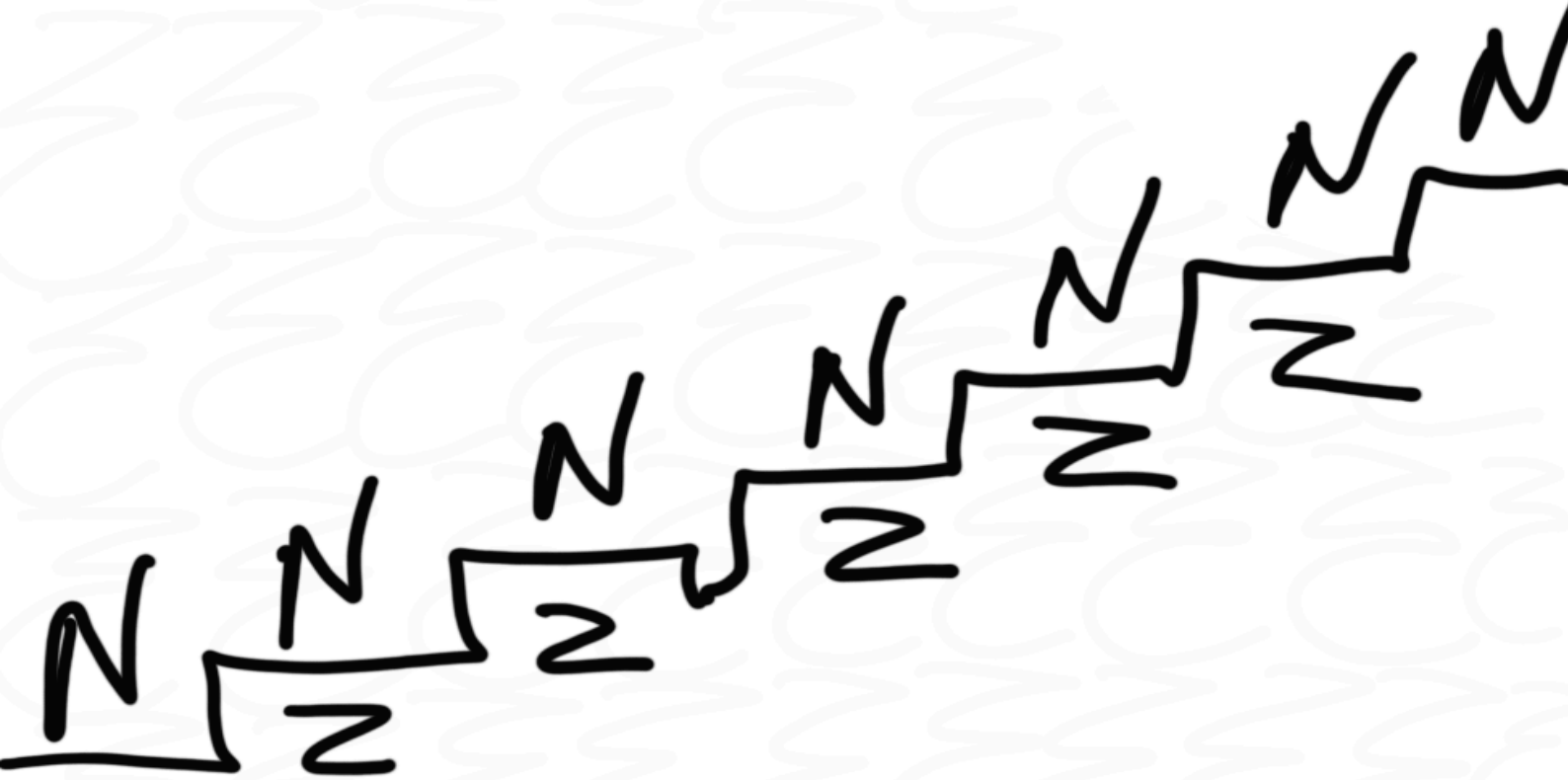


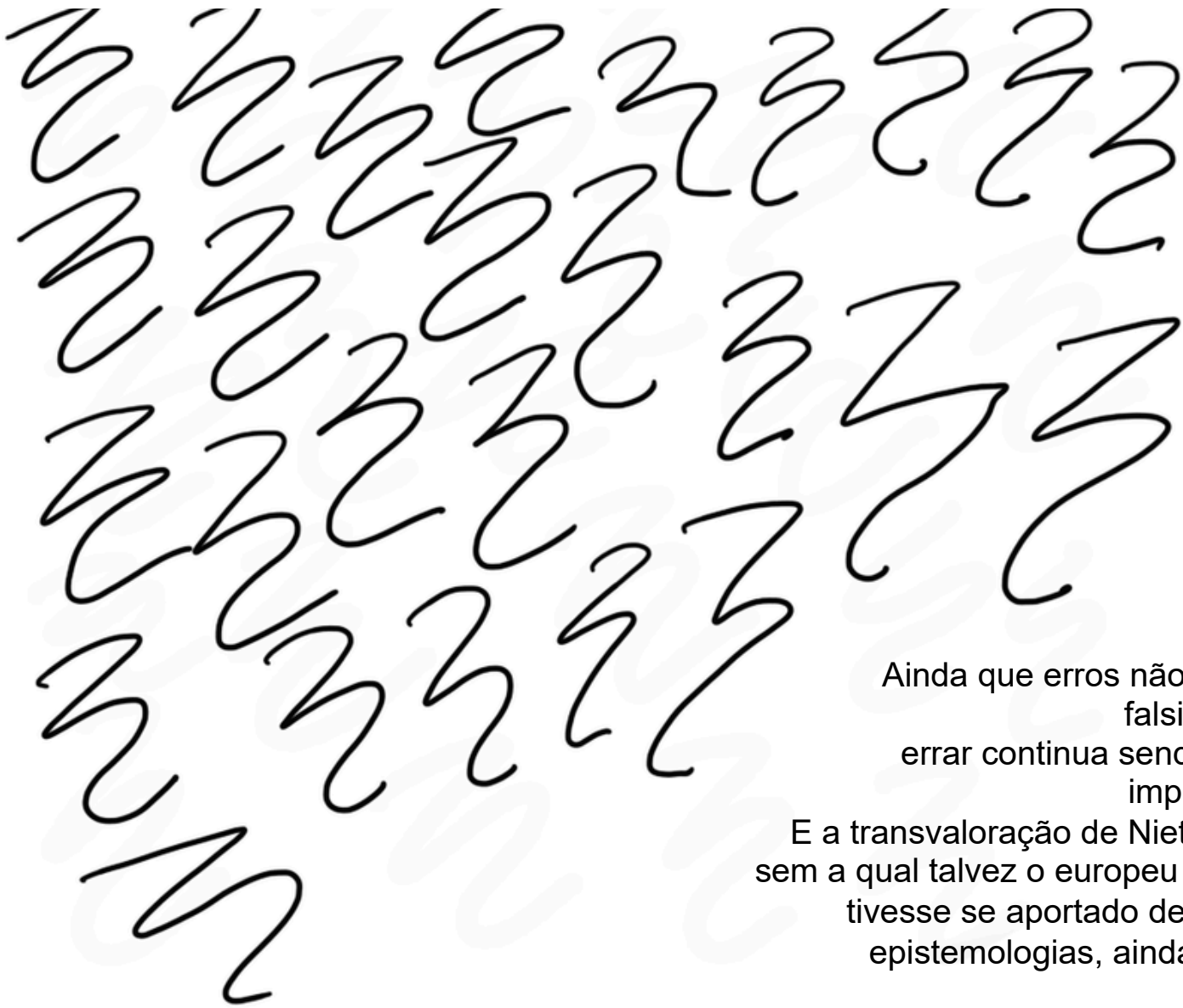
Perfôrncias e validades são assegurados pela
observação das normas.



“De Norma, me lembro bem.”

(Leminski, 1984,p.9)





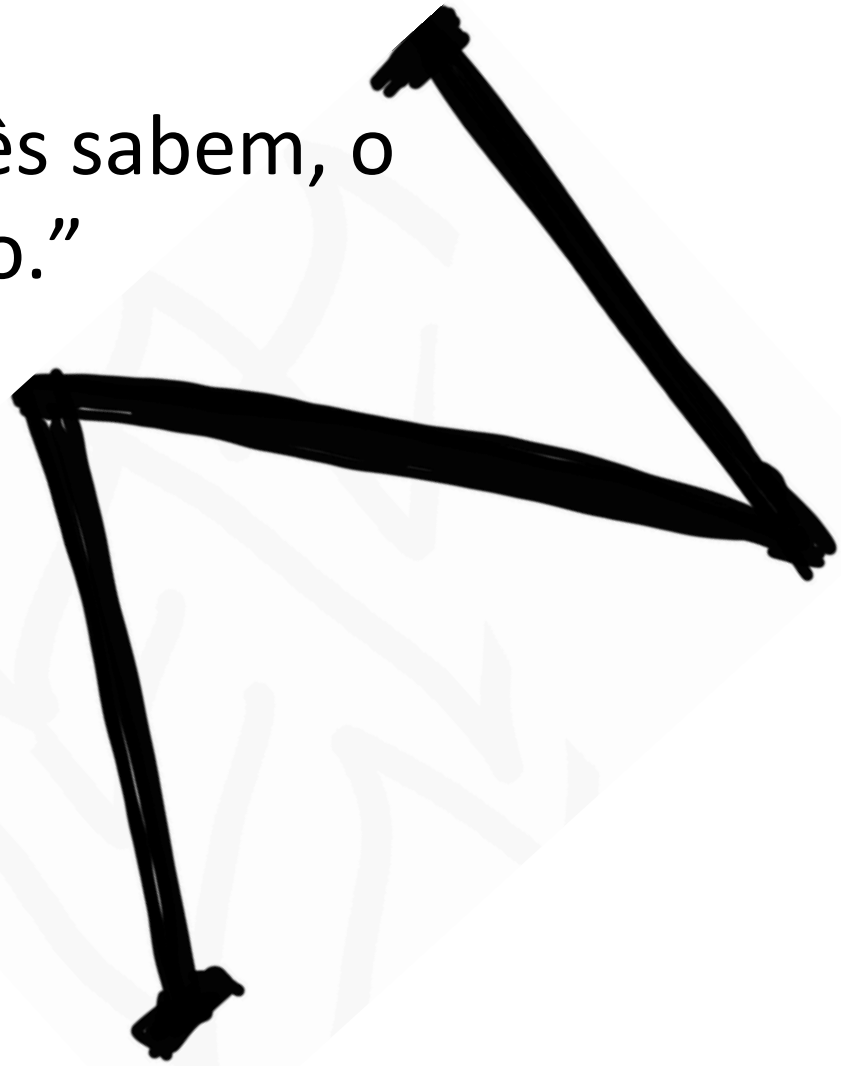
Ainda que erros não sejam
falsidades,
errar continua sendo uma
impostura.

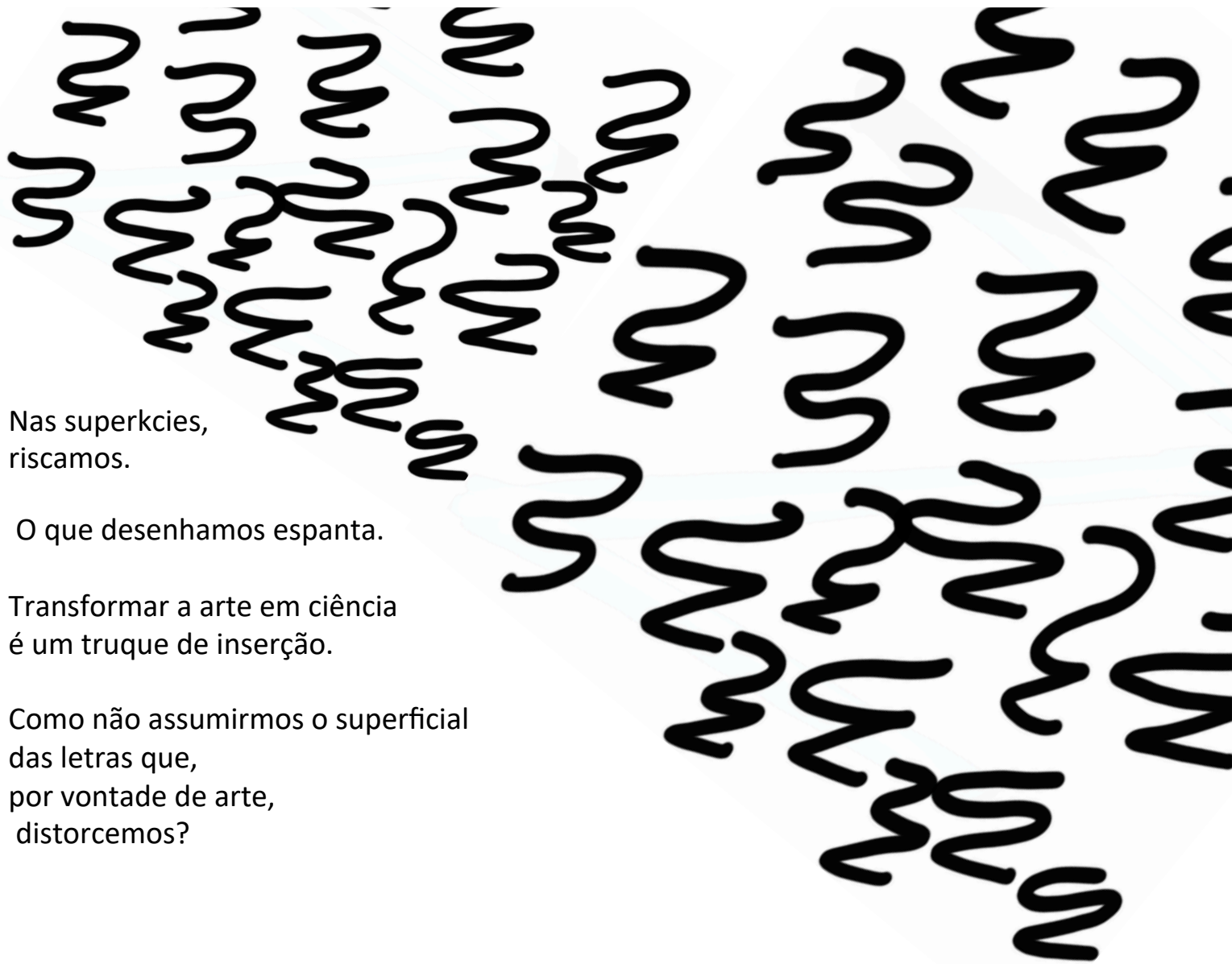
E a transvaloração de Nietzsche,
sem a qual talvez o europeu jamais
tivesse se aportado de novas
epistemologias, ainda vale?

Segundo colegas bem avaliados e plenos de publicações A, para ter valor acadêmico a escrita de um artigo deve introduzir o assunto, esclarecer seus objetivos, explicitar as fontes utilizadas, comentar as referências, desenvolver a metodologia com base nos pontos apodícticos, sustentar os argumentos em escólios ou *corpus* documental e concluir com consubstanciadas “considerações finais”. Tudo deslindado em título apropriado ao tema e ao escopo da revista. A bibliografia tem que estar concatenada com as citações. O resumo precisa ser preciso, sintetizando tema geral, temas específicos, objetivos do trabalho, métodos, referências e conclusões. Tudo tem que estar de acordo com as regras da revista, as normas de publicação, o padrão de citações adotado, os templates, fontes e demais detalhes. O resto é tomado como inconsistência. Escrita “superficial” não passa.

“De normas, vocês sabem, o inferno está cheio.”

(Leminski, 1984, p.12).





Nas superfícies,
riscamos.

O que desenhamos espanta.

Transformar a arte em ciência
é um truque de inserção.

Como não assumirmos o superficial
das letras que,
por vontade de arte,
distorcemos?

Para avaliações das agências de fomento, os dados obtidos na plataforma ainda devem apresentar coerência com a pesquisa do autor, com a linha de pesquisa e programa de pós-graduação. Quanto mais artigos A, mais chance de um Programa chegar ao 7.

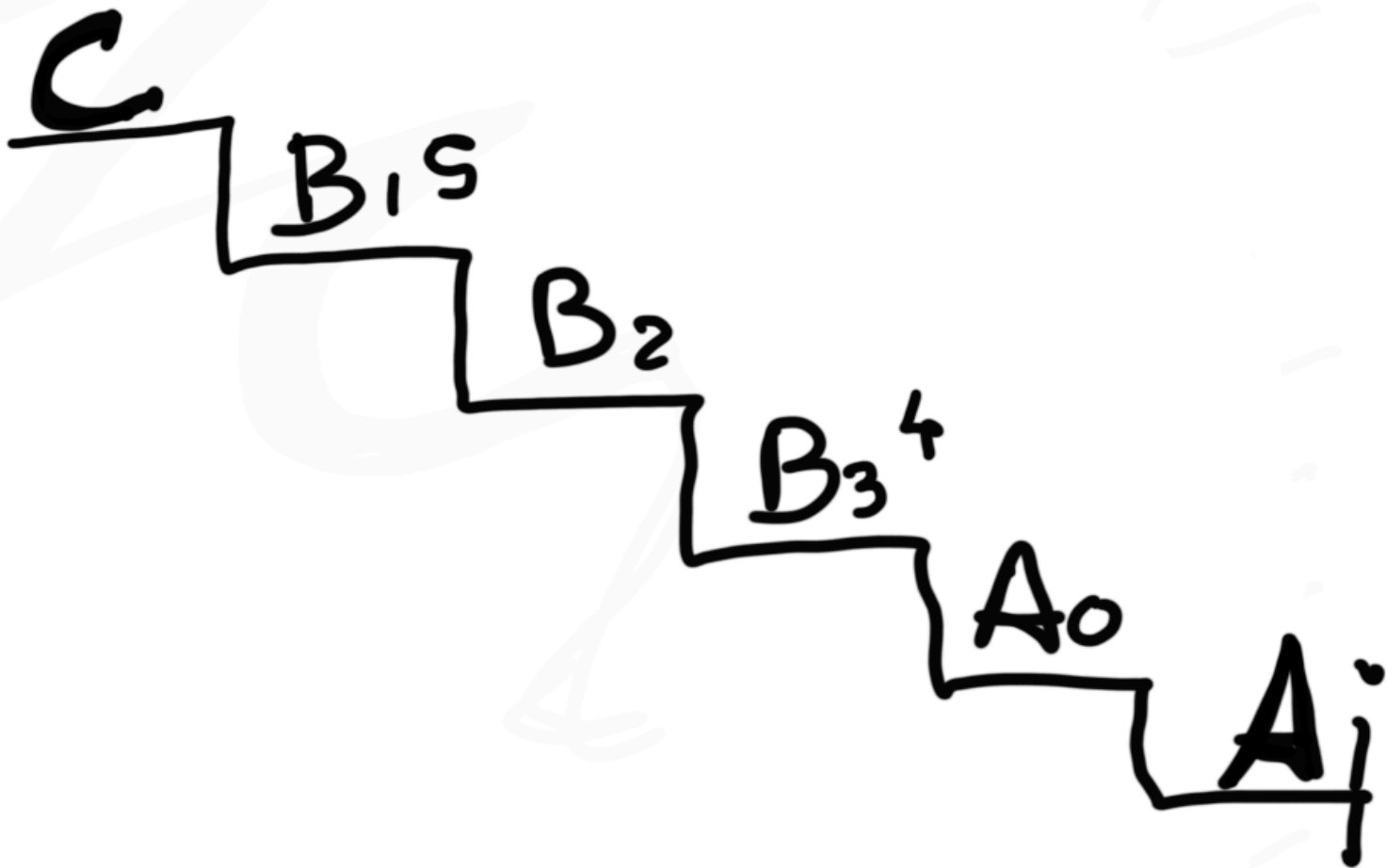
Mas como, um campo como Artes Visuais, com poucas revistas A, terá um Programa 7?

A₁ b₂₃₄₅ COM FORS^{xy} n Z

Letras e números.

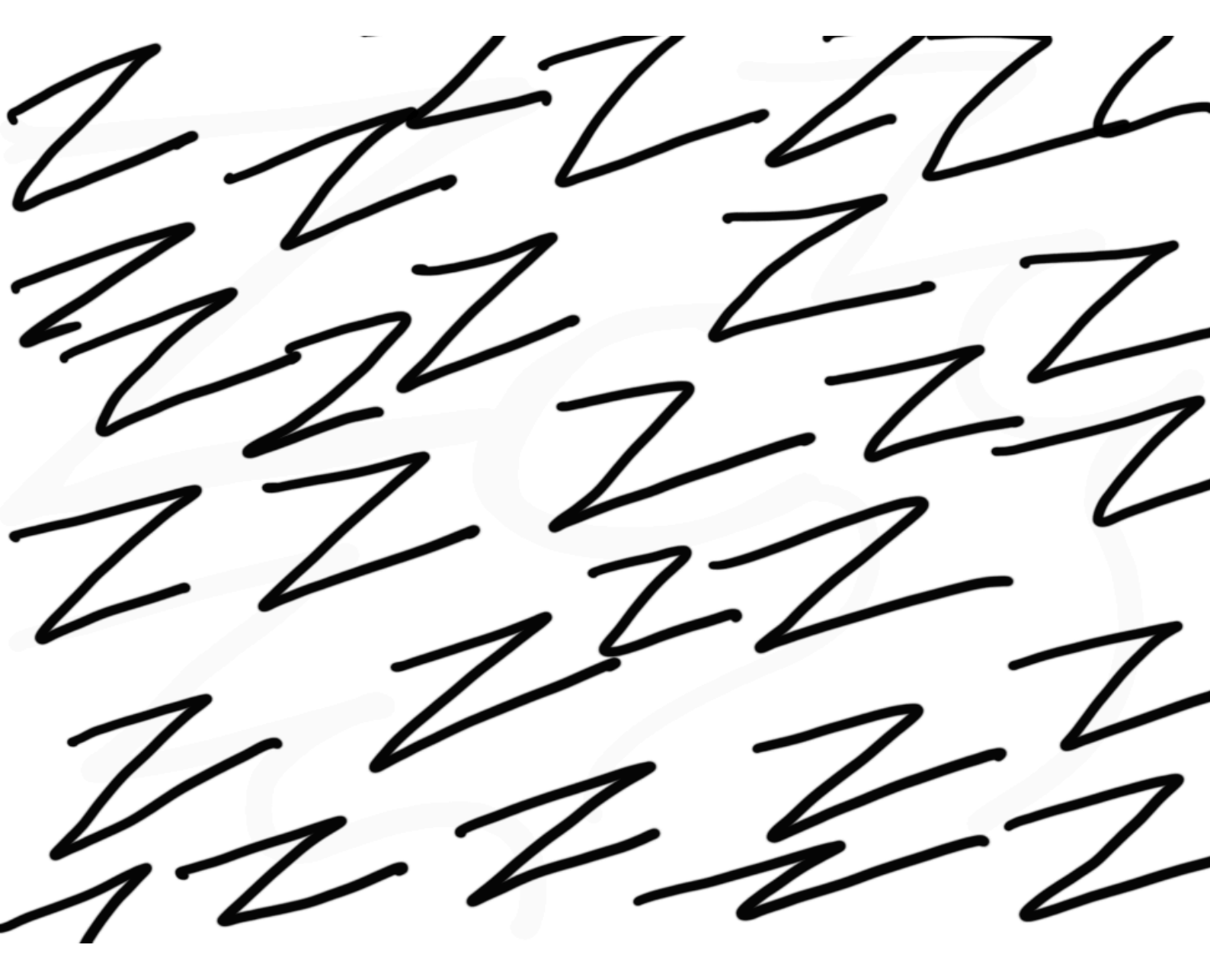
É isso o que resume o valor que a vida,
expressa em horas de trabalho,
desenhos, escritas, aulas, teclagens diárias, assume?

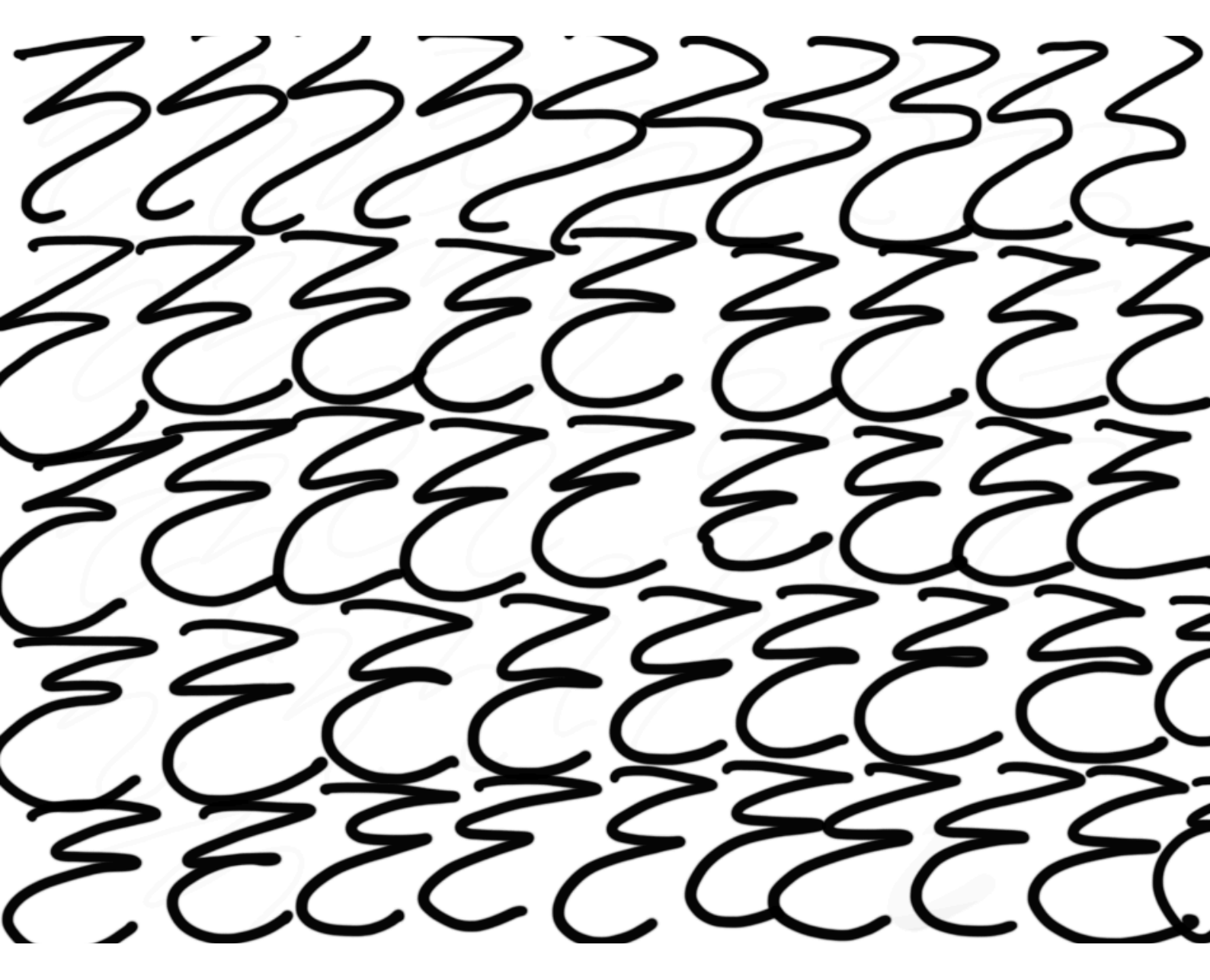
Os pareceristas *ad hoc* são obrigados a avaliar se os títulos correspondem ao texto, se o resumo apresenta os elementos fundamentais, se a temática do artigo é relevante e original, se o texto é coerente e coeso, se a bibliografia é atual e se está em consonância com a temática e se os argumentos são sustentados por análises empíricas em consonância com a literatura revisada. Erros textuais, repetições terminológicas, tudo “suja” a escrita e os pareceristas irão apontar reformulações obrigatórias ou simplesmente reprovar um texto o taxando de “superficial”, “inconsistente”. Poderiam dizer “demente”, não fosse o sistema, em si, doente. Contra os adocamentos, outras composições.





“Ninguém jamais desceu uma escada como Norma.” (Leminski, 1984, p. 94).





Citações

GUATTARI, Félix. **Ritornelos**. Trad. Hortência Santos Lencastr. São Paulo: n-1 edições, 2019.

LEMINSKI, Paulo. **Agora é que são elas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PEREIRA, Marcos Villella. **A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável**.

Espaço Aberto. Revista Brasileira de Educação. 18 (52) , Mar 2013.

Disponível em: [hHps://www.scielo.br/j/rbedu/a/D6Hyj3DHR3Dznk3nKVy5ZPC/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D6Hyj3DHR3Dznk3nKVy5ZPC/?lang=pt)

Minibios:

Amanda Dal Ponte Reis

amandadalpontereis@gmail.com

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Paola Zordan

paola.zordan@gmail.com

Doutora e mestre em Educação, bacharel em Desenho e Licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da área de Didática das Artes do Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na mesma instituição é professora do Programa de Pós Graduação em Educação e membro do grupo de pesquisa DIF: artistagens, fabulações e variações.

Rafaela Sant'Anna Rodrigues

rafaelasantnnr@gmail.com

Publicitária com formação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Fontes: Arial, Anonymous Pro e Calibri (MS)

A escolha da cor ***zaffre*** para a edição desta publicação não foi um acaso, mas uma decisão cuidadosa e estratégica. De A à Z vem como um convite para aplicação desta edição reforça a identidade visual da obra, dialoga com seu conteúdo e estabelece uma atmosfera que convida à reflexão e à imersão. Assim, a presença do zaffre não é meramente estética, mas parte essencial da visualidade proposta.

Florianópolis
Março de 2026

[compor]
...
revista